



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

O mito do duplo, androginia e imago dei: uma ponte entre Bíblia e Literatura

The myth of the double, androgyny and imago dei: a bridge between Bible and Literature

*Adenilton Tavares Aguiar**

Mestre em Ciências da Religião (UNICAP)

Resumo

Este artigo desenvolve uma breve análise da maneira como algumas inquietudes humanas relacionadas às questões existenciais são representadas na literatura. O artigo está dividido em três partes. Primeiro, discute-se a noção de duplicidade do sujeito, a partir do mito do duplo. Em seguida, examina-se a ideia de androginia, analisando a inquietude existencial humana a partir de sua relação com a ideia de inferioridade sexual feminina. Por fim, o artigo busca evidenciar que não há precedentes na literatura bíblica que justifiquem a noção de superioridade sexual masculina, que a Imago Dei é, por assim dizer, bifacial: masculina e feminina, e que tal compreensão pode levar homem e mulher a uma relação mais estável consigo mesmos, entre si e com os outros.

Palavras-chave

Crise de Identidade. Inquietude Existencial. Bíblia e Literatura. Interpretação Bíblica. Imago Dei.

Abstract

This paper presents a brief analysis of the ways how some human concerns related to human existential issues are represented in the literature. It is divided into three parts. First, we discuss the notion of duplicity of the subject, from the myth of the double. Next, we discuss the conception of androgyny, by analyzing human existential anxiety from their relationship with the idea of female sexual inferiority. Finally, it seeks to show that there is no precedent in biblical literature to justify the notion of male sexual superiority, i.e., the Imago Dei is, so to speak, bifacial: male and female, and this understanding can lead man and woman to more stable relationship with themselves and with others.

* Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP (Universidade Católica do Pernambuco). Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE e Licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa *Cristianismo e Interpretações* (UNICAP) e do GEAN-Grupo de Estudo da Antiguidade (UNASP); Professor de Línguas Bíblicas no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, sede regional IAENE (Instituto Adventista de Ensino do Nordeste). Editor da Revista *Hermenêutica*. E-mail: adeniltonaguiar@gmail.com

Keywords

Identity Crisis. Existential Unrest. Bible and Literature. Biblical Interpretation. Imago Dei.

Considerações Iniciais

O tema do eu e do outro, de identidade e alteridade, não é uma coisa colada ou externa: é a nossa realidade constitutiva, tendo em vista que sem alteridade não há unidade. Segundo Finkler¹, um dos mais completos estudos sobre essa temática é desenvolvido por Otto Rank, com base tanto em dados literários quanto em crenças populares. Os resultados da pesquisa foram apresentados em uma obra publicada em 1914, sob o título de *O duplo*.

O tema do duplo representa a constante busca do homem de compreender a si próprio. Richter² confirma esta ideia ao considerar que todas as histórias do duplo são de impasse, labirintos e se referem quase sempre à questão: “quem sou eu?”.

Esta temática está no campo da literatura fantástica, que é definida por Todorov³ como a produção de um acontecimento aparentemente sobrenatural e estranho, que não pode ser explicado pelas leis de nosso mundo familiar, daí o seu caráter ficcional, e tem sido abordada pelos mais diversos autores: de Machado de Assis a Milton Hatoum – com parada obrigatória, obviamente, em Clarice Lispector; de Platão a Virgínia Woolf, passando, é claro, por Goethe, Dostoievski, Kafka, entre tantos outros que formam o cânone universal. Há, entre esses autores, uma intrínseca relação no que se refere à criação de personagens caracterizados por busca de identidade. Esta é uma questão que se reflete bastante na modernidade. Para Weber⁴,

seus contemporâneos não passam de “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração; e essa nulidade caiu na armadilha de julgar que atingiu um nível de desenvolvimento jamais sonhado antes pela espécie humana”. Portanto, não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal – quase podíamos dizer: sem ser.

¹ FINKLER, Gredes Rejane. O mito do duplo nos poemas de Ferreira Gullar. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000. p. 261.

² SILVA, Rosana Rodrigues da. O desdobramento do eu-lírico na poesia de Cecília Meireles. In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000. p. 250.

³ LAMAS, Berenice Sica. O duplo como representação da morte em conto de Julio Cortazar. In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

⁴ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 26.

Vivemos em uma época de grandes paradoxos: o homem é capaz de falar, em tempo real, com uma pessoa que está do outro lado do planeta; porém, amiúde, não consegue conversar amigavelmente com alguém ao lado; consegue decifrar os mistérios do átomo e da energia nuclear, mas cai impotente diante da aids, das drogas e da violência.

Berman⁵ faz a sua avaliação da contemporaneidade, ao afirmar que “não sabemos como usar nosso modernismo; nós perdemos ou rompemos a conexão entre nossa cultura e nossas vidas”. Desse modo, observa-se que o homem se torna uma vítima de si mesmo: “aonde vamos chegar?” é a pergunta de muitos. “Não se sabe, ao certo” é a réplica de quase todos.

Um grupo menor, porém muito arguto, a exemplo de Nietzsche e Marx, fala em uma nova espécie de homem, “o homem do amanhã e do dia depois de amanhã – que, colocando-se em oposição ao seu hoje, terá coragem e imaginação para criar novos valores, de que o homem e a mulher modernos necessitam para abrir seu caminho através dos perigosos infinitos em que vivem”. Em suma, o discurso por trás de todos esses discursos é o fato de que o homem perdeu a noção de sua identidade, partindo à procura de si mesmo, ou, paradoxalmente, de um Outro, que está nele, ou que é ele.

Na Literatura, este Outro pode estar representado de diversas formas; para Jacobina, personagem do conto *O Espelho: uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis,

cada criatura traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro. [...] A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.⁶

No ensaio *O Homem unidimensional*, Marcuse⁷ comenta que “o povo se autorrealiza no seu conforto; encontra sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas”.

Levando-se em consideração todos os comentários tecidos até o momento, podemos levantar duas questões importantes: como o indivíduo pode conseguir aceitar-se

⁵ BERMAN, 1986, p. 23.

⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Várias histórias*. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 44.

⁷ Citado por BERMAN, 1986, p. 28

diante de toda essa efervescência de ideias? E como pode ser ele mesmo na sociedade, se ela impõe determinados padrões de comportamento, manipulando-o, como se fosse marionete? O fato é que, a fim de adaptar-se às novas situações e circunstâncias com que se depara, o indivíduo se utiliza de “máscaras”, tornando-se, por conseguinte, um mutante, ou apenas um ator, no sentido bergeriano, uma vez que representa papéis sociais. Daí a afirmação de Bravo⁸, no ensaio intitulado *Duplo*: “ser múltiplo e ninguém é próprio da condição humana”.

A questão original

À origem do ser humano seguem algumas questões tão antigas quanto a sua própria existência: “Quem sou eu?” e “O que serei depois da morte?” Essas questões revelam um dualismo que se trava no interior do homem. Falar do duplo, portanto, é “falar de um tema recorrente, visto que ele diz respeito a questões muito inquietantes para o ser humano”⁹.

A noção de duplicidade do sujeito está presente na Filosofia, através da ideia de que tudo o que vemos é o duplo de um mundo que não vemos, de uma realidade que é representada de forma imperfeita pelo real imediato – o conhecido; na Religião, a noção do duplo está presente no fato de que Deus criou o universo para nele se refletir, dando uma ideia de desdobramento. Por outro lado, a crença na existência de uma alma que sobrevive à morte do corpo, revela, também, a noção do duplo, presente nas tradições religiosas em geral.

Na Literatura, o duplo pode apresentar-se sob diversas formas. Através da sombra, uma vez que ela, acompanhando o ser humano aonde quer que ele vá, não faz parte dele; através do retrato, o fragmento de uma imagem exterior ao homem, sendo ele próprio; através da imagem refletida no espelho, em que o duplo passa a habitar o mesmo “espaço do homem”; através do sono, em que o “Eu, sob outra forma, prossegue a obra de existência”¹⁰. O desdobramento do eu pode, ainda, apresentar-se sob a forma de irmãos – gêmeos ou não. A literatura apresenta alguns exemplos clássicos de duplos representados por irmãos: Caim e Abel, Esaú e Jacó, entre outros.

Pélicier¹¹, no ensaio “La problematique du doble”, identifica basicamente seis tipos de duplo. Um deles é o duplo natural, o gêmeo homozigoto. O desdobramento do Eu, portanto, se dá no início da vida, visto que os gêmeos idênticos são formados, como explica a Biologia, a partir de um óvulo que, uma vez fecundado, parte-se, gerando dois

⁸ LAMAS, 2000.

⁹ MELLO, A. M. L. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000, p.111.

¹⁰ MELLO, 2000, p. 118.

¹¹ Citado por MELLO, 2000, p. 117

seres distintos, não obstante semelhantes: um dualismo que insiste por toda a vida, e que leva o indivíduo ao questionamento de sua identidade. Segundo Schüler¹², quando tal questionamento acontece, o homem que o formula já não se conhece mais; é iniciada, por conseguinte, a busca do eu. Entretanto, ao iniciar-se esta busca, perdida está a noção do que ele significa.

Rank¹³, em *O duplo*, elabora um dos mais completos estudos sobre o tema, valendo-se tanto de dados da literatura quanto das crenças populares para delinear as nuances da representação do duplo no imaginário humano. Para ele, o duplo literário continua sendo um tema mítico.

As representações mais recentes, segundo Rank, caracterizam a duplicidade como portadora da angústia e do mal; para Adalbert von Chamisso¹⁴, escritor do romantismo alemão, o dualismo é desenvolvido com a aparição do Espírito Bom, do lado direito, e o Espírito Mau, do lado esquerdo; Pélicier, por sua vez,

considera que o século XIX, ao colocar o indivíduo no centro de suas questões, favoreceu a emergência do tema da duplicidade do Eu. O sonambulismo provocado, a hipnose, as segundas personalidades, a histeria, enfim, todos esses fenômenos colocam o mesmo problema da unidade do ser ou a possibilidade que ele se manifeste sob aspectos diferentes e mesmo múltiplos.¹⁵

Percebe-se, a partir desses autores, que a temática do duplo é abordada na ficção como forma de representar os conflitos internos vividos pelo sujeito, uma vez que todo homem possui partes não realizadas ou excluídas de si, vontades, ambições, traumas, anseios, que permanecem latentes, no recôndito de seu ser, e que afloram através de um outro que se parece com ele, não sendo ele, e sendo, ao mesmo tempo.

Para Singer¹⁶, as concepções que a humanidade possui a respeito de sexo, identidade e alteridade provocaram um desequilíbrio na própria base da sociedade. Ela afirma que “[...] as teorias antigas, fundamentadas na dominação de um dos sexos e na submissão ao outro, provocaram na sociedade um desequilíbrio que precisa ser remediado”. Este desequilíbrio estabeleceu um par de contrários: masculino/feminino, tão primordial quanto o próprio homem, polarizando, antagonicamente, suas experiências sexuais. É importante frisar que, ao falar de “experiências sexuais”, não necessariamente Singer se refere a intercursos sexuais, mas, por assim dizer, “à guerra entre os sexos”. Para

¹² SCHÜLER, Donald. Quem sou eu? In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000, p. 56.

¹³ RANK, Otto. *O duplo*. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.

¹⁴ MELLO, 2000, p. 115

¹⁵ MELLO, 2000, p. 119

¹⁶ SINGER, June. *Androgínia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.

esta autora, a crise de identidade do homem moderno está intrinsecamente relacionada à crise de identidade sexual.

Singer explica o seu pensamento apresentando o que ela chama de “o princípio da androgenia”. Para tornar mais claro o seu raciocínio, ela comenta:

O tema sobre o qual escrevo vai se apresentando em imagens particularmente vívidas. Esse tema é androgenia, que no seu sentido mais amplo pode ser definida como o Um que contém o Dois, a saber, o masculino (*andro*) e o feminino (*gyne*).¹⁷

Ela afirma que o princípio da androgenia não é reativo, mas intrínseco; portanto “a revolução sexual contemporânea [...] é uma mera manifestação superficial de um princípio fundamental que existe há tanto tempo que podemos dizê-lo inerente na natureza do organismo humano”.¹⁸ Ela acrescenta:

Falamos do fato de o corpo do homem e da mulher produzirem ambos hormônios masculinos e femininos, de modo que em certo sentido somos todos andróginos. Mas nascemos homem ou mulher, e a sociedade reforça essa dicotomia, reprimindo as tendências pertinentes ao ‘outro’. O reconhecimento da androgenia representa ‘o retorno do reprimido’ e oferece o potencial para a integridade.¹⁹

Androgenia, portanto, seria como se duas entidades, aparentemente polarizadas, habitassem o mesmo espaço, e como se estas duas entidades formassem uma terceira, que difere delas embora possua elementos de ambas. Este fato é bastante recorrente na Literatura. Em *Trio em lá menor*, conto de Machado de Assis, a personagem Maria Regina, achando-se amando dois homens, e não decidindo entre eles,

[...] recorreu a um singular expediente. Tratou de combinar os dois homens, o presente com o ausente, olhando para um, e escutando o outro de memória; recurso violento e doloroso, mas tão eficaz, que ela pôde contemplar por algum tempo uma criatura perfeita e única.²⁰

Semelhantemente, o andrógino seria esta “criatura perfeita e única”, formada pela união entre os princípios Masculino e Feminino. Para Eliade²¹: “O andrógino é considerado superior aos dois sexos justamente porque encara a totalidade e, portanto, a perfeição”, compreendendo esta perfeição nos moldes em que Dostoievski²² a coloca, ao dizer que “não se pode começar de imediato com a perfeição! Para atingir a perfeição, é preciso primeiro saber não entender muitas coisas. Pois se entendemos tudo muito

¹⁷ SINGER, 1990, p. 27

¹⁸ SINGER, 1990, p. 10

¹⁹ SINGER, p. 156.

²⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Contos escolhidos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

²¹ Citado por SINGER, 1990, p. 44

²² DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 279.

rapidamente, talvez não consigamos entender muito bem". Assim, a perfeição de que falam esses autores diz respeito primeiro a um reconhecimento da limitação e fragilidade da condição humana.

Para Singer, uma vez que todos nós somos seres andróginos, biologicamente falando, o potencial andrógino está presente em todos, porém a expressão andrógina irá variar de acordo com o arcabouço da personalidade de cada um. Não obstante, a autora deixa transparecer a ideia segundo a qual para que o homem consiga desempenhar satisfatoriamente seu papel na sociedade pós-moderna, é necessário que ele encontre o ponto de equilíbrio no que se refere ao uso de seu potencial andrógino. Ela acrescenta que

a interdependência que existe entre o princípio Masculino e o princípio Feminino é o que provoca a interdependência entre os homens e as mulheres. Quando essa interdependência é violada, e quando a igualdade intrínseca do valor de ambos os princípios é violada, advém muito sofrimento para os homens como para as mulheres.²³

O que se pode observar é que esta interdependência e igualdade intrínseca do valor dos princípios Masculino e Feminino, de que fala Singer, foi violada pelas culturas em geral, sendo a mulher relegada a uma posição de inferioridade em relação ao homem. Ao longo dos séculos, algumas características foram categorizadas como tipicamente masculinas, e outras como tipicamente femininas, negando-se a inteireza da personalidade humana. Por outro lado, percebe-se que, até certo ponto, a mulher aceitou um papel que a aprisionou numa imagem de feminilidade; e, inversamente, o homem assumiu um papel dominador que o colocou numa posição de preeminência.

Contudo, este modelo patriarcal parece dissolver-se com a chegada da modernidade: cada vez mais mulheres assumem tarefas que antes eram tipicamente masculinas, e homens assumem tarefas que antes eram tipicamente femininas. "Certas mulheres chegam até a apropriar para si o modelo patriarcal, masculinizando-se tanto quanto é possível a uma mulher masculinizar-se".²⁴

No entanto, é necessário relativizar essas tarefas ou características "tipicamente" masculinas ou femininas, tendo em vista que, "homens e mulheres atuam de certas maneiras, sendo que cada um possui capacidades funcionais masculinas e femininas. No processo de viver, essas qualidades – que por falta de um nome melhor nós chamamos de 'masculinas' ou 'femininas' – também são conversíveis"²⁵, fazendo que a mulher de hoje visse a necessidade de questionar a fortaleza quase invencível dos valores masculinos, abrindo espaço para uma nova maneira de pensar, que

²³ SINGER, 1990, p. 151.

²⁴ SINGER, 1990, p. 30

²⁵ SINGER, 1990, p. 32

[...] pode ser caracterizada por sua ênfase nos valores ‘femininos’ – valores que, ao menos no passado, eram mais associados à mulher do que ao homem. Entre eles estão uma preferência pela cooperação em vez de competição, pela resolução de problemas em equipe em lugar de uma abordagem estritamente individualista, pela intuição em vez de um processo deliberado de pensamento racional, e pela ênfase da sexualidade e dos relacionamentos em lugar do poder e da violência. Homens e mulheres sensibilizaram-se para o fato de que os valores masculinos e femininos tornaram-se fatores sociais e políticos determinantes.²⁶

O que se vê é que à semelhança do “super-homem”, que perde os seus poderes ao aproximar-se de uma pedra de “criptonita”, o homem-dominador, construído pela tradição, perde, gradativamente, suas forças, à medida que se aproxima a modernidade. As mulheres vão ocupando espaços que antes eram estritamente masculinos, visto que a globalização exige profissionais que saibam cooperar, tenham espírito de equipe e trabalhem bem sob pressão. Se antes as empresas valorizavam o quociente de inteligência, é natural que hoje o quociente emocional esteja em evidência – do qual deriva a capacidade de entreter bons relacionamentos; não que o primeiro perdeu sua importância, mas que o segundo tornou-se um fator determinante para angariar clientes.

Uma vez que a mulher sabe desenvolver bem suas capacidades relacionais, pouco a pouco ela vem conquistando posição de destaque na sociedade contemporânea, muito embora, de maneira geral, ainda não tenha conseguido superar totalmente sua condição de subserviência em relação ao homem. Para Singer, quando isso acontecer, “ela poderá começar a relacionar-se com ele de uma maneira muito mais satisfatória para ambos”²⁷. Infelizmente, em muitos setores, a mulher ainda continua lutando por salários iguais em funções iguais. Não obstante, o fato é que “hoje há poucas posições em nossa sociedade que não poderiam ser preenchidas igualmente por homens e mulheres, *se ao menos as mulheres tivessem oportunidade*. Em quase toda parte, a necessidade de força física bruta cedeu lugar à tecnologia”²⁸.

Portanto, cabe ao homem abrir sua visão em relação à mulher moderna, uma vez que os benefícios de tal comportamento tornarão para ele visto que “à medida que a mulher se torna mais proficiente no mundo fora do lar e das ‘profissões assistenciais’, [...] ela começa a prestar uma contribuição financeira cada vez maior para a família. [...] O resultado inevitável [...] é que o homem terá aliviado o fardo esmagador”²⁹; e, quanto às mulheres, elas “[...] podem ir longe em suas carreiras, mas que isso só ocorreria se elas

²⁶ SINGER, 1990, p. 33

²⁷ SINGER, 1990, p. 29

²⁸ SINGER, 1990, p. 49

²⁹ SINGER, 1990, p. 199

exercessem ‘aquelas qualidades masculinas’ que, via de regra, estão latentes ou inconscientes”³⁰.

Não obstante, é importante lembrar que Singer comenta ainda que “o andrógino aceita conscientemente a interação dos aspectos masculino e feminino da psique individual: um é o complemento do outro, da mesma maneira que o esperma ativo e perscrutador é o complemento do óvulo, dócil e à espera. Na concepção os dois princípios se combinam”³¹. Logo, homem e mulher terão relacionamentos bem mais estáveis quando compreenderem que o Todo é formado por partes complementares, indissociáveis em sua base.

Bíblia e *Imago Dei*

Em Gn 1:27, no relato bíblico da criação do homem, encontramos a afirmação de que “criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. A palavra hebraica para “homem”, na primeira sentença, é *'adam*. Wenham³² explica que esta palavra indica uma referência à humanidade em geral. Na segunda sentença, entretanto, os termos hebraicos para homem e mulher são, respectivamente, *zachar* e *n'qevah*. Estas são as mesmas palavras utilizadas na narrativa bíblica do dilúvio, para referir-se aos pares de animais (macho e fêmea) que deveriam ser colocados na arca. Porém, em Gn 2:24: “por isso, deixa o **homem** pai e mãe e se une à sua **mulher**, tornando-se os dois uma só carne”, temos outras palavras hebraicas para expressar a ideia de homem e mulher, respectivamente, *'ish* e *'ishah*. Cunha³³, no artigo *A face feminina de Deus*, lança luz sobre esta questão ao mencionar o pensamento especulativo de Monique Hébrard com respeito às letras que formam o tetragrama sagrado e sua relação com as palavras hebraicas para “homem” e “mulher”:

A palavra *ish*, ‘homem’, se escreve com as letras aleph, yod e shin; a palavra *isha*, ‘mulher’, se escreve com as letras aleph, shin e he. Observamos que homem e mulher possuem duas letras comuns e uma diferente: o yod para o homem e o he para a mulher. São essas as letras que encontramos no tetragrama YHVH: yod, he, wav, he. Portanto, YHVH [nome para Deus em hebraico] reflete exatamente o masculino e o feminino.

Nesse sentido, pode-se apreender a ideia de que homem e mulher estão em relação de complementaridade. Alguns textos bíblicos deixam clara a noção de que homem e mulher possuem características divinas que lhe são peculiares. Cunha³⁴

³⁰ SINGER, 1990, p. 48

³¹ SINGER, 1990, p. 37

³² WENHAM, G. J. Genesis 1-15. In: WATTS, J. D. *Word Biblical Commentary*. Dallas: Word, 2002, v. 01, p. 32.

³³ CUNHA, Evandro. A face feminina de Deus. In: *Hermenêutica*, 05 (2008): 39-57.

³⁴ CUNHA, 2008, p. 44

acrescenta que o aviltamento e rebaixamento da mulher é o resultado de uma teologia superficial e arrogante, e conclui que

mesmo numa leitura superficial do Antigo Testamento, percebemos que a mulher apesar de viver num ambiente patriarcal, gozava de uma certa emancipação. “De tempos em tempos na história de Israel, as mulheres desempenhavam um papel de significância, e podiam até ser profetisas. É assim que se descreve Miriã, irmã de Moisés e Arão (Ex 15:20). Débora era uma profetisa que [...] também julgava o povo (Jz 4:4). Deu uma comissão profética a Baraque, para este derrotar o exército de Sísera (Jz 4:6), e celebrou o triunfo com o cântico de Débora (Jz 5:1-31). Hulda, a profetisa, foi consultada pelo rei Josias num tempo de crise (2 Rs 22:14-20).

A capacidade de tecer bons relacionamentos e o alto índice de quociente emocional fez dessas mulheres grandes líderes do povo de Israel, em momentos de crise.

Características femininas de Deus

Exemplos de representação de Deus a partir de uma face feminina podem ser encontrados em várias partes da Bíblia. Entretanto, Watts³⁵ chama-nos a atenção para o fato de que “Isaías retrata Deus em termos femininos diversas vezes”.

Em Isaías 40:11, Deus é retratado como aquele que “entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio”. Estas palavras lembram o cuidado e a ternura de uma mãe dispensados a um filho de colo. Que o termo “cordeirinhos” serve como metáfora para crianças, fica claro a partir do diálogo entre Jesus e Pedro, conforme aparece em João 21:15,16 quando Jesus diz a Pedro: “apascenta os meus cordeiros/apascenta as minhas ovelhas”. Para Bernard³⁶, as palavras para *cordeiros* e *ovelhas*, respectivamente *arnia* (cordeirinhos) e *probatia*³⁷ (ovelhinhas) podem ser comparadas a *teknia* (filhinhos), em João 13:33, as quais apresentam desinências gregas de diminutivo e podem indicar a ternura com que as palavras são empregadas. Logicamente, nessa conversa com Pedro, Jesus não está se referindo a cordeiros e ovelhas literais, mas ao rebanho espiritual. Ademais, a ternura nas palavras registradas por João evoca a compaixão que se pode apreender nas palavras de Isaías, as quais traduzem sentimentos muito comuns ao universo feminino.

Em Isaías 49:15: “Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse

³⁵ WATTS, J. D. W. Isaiah 34-66. In: WATTS, J. D. W. *Word Biblical Commentary*. Nashville: Thomas Nelson, Inc, 2005, v. 25, p. 744.

³⁶ BERNARD, J. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*. New York: C. Scribner's Sons, 1929. v. 2, p. 736.

³⁷ Alguns manuscritos trazem essa leitura; cf. BERNARD, 2005.

dele, contudo eu não me esquecerei de ti”, Deus é representado pela imagem da mãe que amamenta o seu filho. Ao comentar esse texto, Young³⁸ afirma que

O profeta emprega *mulher* em vez de *mãe*, visto que a ideia de maternidade já é suficientemente obtida a partir das palavras *seu filho que ainda mama*. O verbo [esquecer] contém a implicação de capacidade, e então pode ser perfeitamente traduzido por “pode ela esquecer?”. Como pode uma mãe esquecer seu filho que mama? Noite e dia demanda sua atenção e afeição. Por esta razão o Senhor fala de uma mãe em vez de um pai. Por esta razão também a expressão *que mama* é escolhida no lugar de *filho* ou *criança*.

A imagem de uma mãe que cuida de seus filhos aparece novamente relacionada a Deus em Isaías 66: 10-13:

Regozijai-vos juntamente com Jerusalém e alegrai-vos por ela, vós todos os que a amais; exultai com ela, todos os que por ela pranteastes, para que **mameis e vos farteis dos peitos das suas consolações**; para que sugueis e vos deleiteis com a abundância da sua glória. Porque assim diz o SENHOR: Eis que estenderei sobre ela a paz como um rio, e a glória das nações, como uma torrente que transborda; então, **mamareis**, nos braços vos trarão e sobre os joelhos vos acalantarão. **Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei**³⁹; e em Jerusalém vós sereis consolados.

As expressões “mameis” (v. 11), “vos farteis dos peitos das suas consolações” (v. 11), “sugueis” (v.11), “mamareis” (v. 12) parecem ser um prenúncio ou antecipação da *Imago Dei* a ser esboçada no verso 13: uma mãe que consola. Assim, é Deus quem amamenta no verso 11; é, por assim dizer, de seus peitos, que vêm a satisfação e as consolações; é dessa fonte que podem sugar os filhos de Israel, e podem fazê-lo com abundância, porque é uma fonte inesgotável. Tudo isto forma um complexo imagístico que aponta para Deus como uma mãe repleta de ternura, compaixão e desmedido amor. Young⁴⁰ chama a atenção para o fato de que no verso 10 o texto destaca “os que por ela pranteastes”, fomentando a noção de que Deus está exatamente acalmando os filhos que choram, com a consolação que oriunda do seu peito, assim como o faz uma mãe para silenciar o choro de seu filho de colo.

Em Jeremias 31:20: “Não é Efraim meu precioso filho, filho das minhas delícias? Pois tantas vezes quantas falo contra ele, tantas vezes ternamente me lembro dele; comove-se por ele o meu coração, deveras me compadecerei dele, diz o SENHOR”, as expressões “filho das minhas delícias”, “ternamente”, “comove-se o meu coração”,

³⁸ YOUNG, E. *The Book of Isaiah*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972. v. 3, p. 284.

³⁹ Grifos acrescentados

⁴⁰ YOUNG, 1972, p. 526

“deveras me compadecerei” parecem associar-se melhor aos sentimentos comuns de uma mãe por seu filho. Keown, Scalise e Smothers⁴¹ confirmam esta ideia afirmando que

As ações do Senhor neste verso são motivadas pelas poderosas emoções expressas nas metáforas derivadas das experiências e do corpo de uma mulher. *לֵב*, “minhas entranhas”, e o verbo *הָלַל*, “agitar” com “coração” como seu sujeito aparece em Jeremias 4:19, a fim de comunicar a angústia sentida por Jeremias (e por Deus). A expressão em 31:20 é repetida somente duas vezes no AT, em Isaías 16:11 e Cantares 5:4. No último verso, a mulher demonstra sua reação ao ver a mão do seu amado na fresta de sua porta. As “entranhas” podem ser os órgãos internos em geral, mas diversas vezes a palavra se refere, especificamente, aos órgãos reprodutores do homem (Gn 15:4; 2 Sm 7:12) ou da mulher (e.g., Gn 25:23; Rt 1:11; Sl 71:6; Is 49:1). O verbo *רָחַם*, “ter compaixão”, vem da mesma raiz do substantivo *רֶחֶם*, “útero”.

No Novo Testamento, o próprio Cristo externa seus sentimentos em relação à cidade de Jerusalém a partir de uma símile que vai buscar, numa figura feminina, a base para sua representação. No evangelho de Mateus, lemos: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (Mt 23:37). Hagner⁴² comenta que “a imagem de uma mamãe-pássaro que ajunta os seus filhos debaixo das suas asas sugere coisas como segurança, nutrição e bem estar”. Estas consolações, obviamente, oriundam da ternura de uma mulher.

A imagem de uma ave, que estende suas asas para dar segurança aos filhotes, representando o cuidado de Deus por seu povo, pode ser encontrada em diversas partes do Antigo Testamento (cf. Rute 2:12; Salmo 17:8; Isaías 31:5). Em Oséias 11:4, Deus diz que atraiu os filhos de Israel com “cordas humanas, com laços de amor”; Em Gênesis 17:1, Deus aparece a Abraão, identificando-se como El-Shadday. Embora esta expressão seja comumente traduzida por “Deus, Todo-Poderoso”, Courson⁴³ destaca o fato de que a palavra *Shadday* significa “peito”. Desse modo, numa tradução livre, *El Shadday* pode significar, simplesmente, “o Deus que amamenta”. Assim, esse erudito conclui que “Javé se identifica não apenas como um forte Pai, mas como uma mãe terna, e que nutre”. Entretanto, esta palavra ocorre quarenta e três vezes na Bíblia Hebraica, e uma breve incursão por algumas de suas ocorrências será muito elucidativa neste momento.

A ideia de um Deus que amamenta, que nutre, fica clara em Gn 28:3 e 35:11. Nesses textos, El Shadday (o Deus que amamenta) é apresentado como aquele que

⁴¹ KEOWN, G. L., SCALISE, Pamela J. & SMOTHERS, Thomas G. Jeremiah 26-52. In: WATTS, John G. W. *Word Biblical Commentary*. Dallas: Word, 2002, v. 27, p. 120.

⁴² HAGNER, D. A. Matthew 14-28. In: MARTIN, R. P. *Word Biblical Commentary*. Dallas: Word, 2002. v. 33b, p. 680.

⁴³ COURSON, J. *Jon Courson's Application Commentary: Psalms-Malachi*. Nashville: Thomas Nelson, 2006, v. 2, p. 469.

abençoa o personagem Jacó, e o torna fecundo, multiplicando seus filhos de modo que ele se torne o pai de uma grande nação. Sem o cuidado, a proteção e a segurança que Deus lhe confere, Jacó não teria alcançado tal status. Entretanto, esta noção se torna ainda mais evidente, em Gn 49:25: “pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo **Todo-Poderoso**, o qual te abençoará com bênçãos dos altos céus, com bênçãos das profundezas, com bênçãos **dos seios e da madre**”⁴⁴. A palavra traduzida como Todo-Poderoso é *shadday*, e a palavra traduzida como seios é *shadayim*. Assim o Deus *Shadday* abençoa com bênçãos dos *shadayim* (peitos) e do útero (rehem).

Em Jó 22:26, “Deleitar-te-ás, pois, no Todo-Poderoso e levantarás o rosto para Deus”, o verbo traduzido como “deleitar-se” é ‘*anog*, o qual também pode ser traduzido como “agir com ternura”⁴⁵. Este raciocínio deixa transparecer a ideia de que o sujeito da forma verbal “deleitar-te-ás” (o pronome pessoal *tu*, em elipse) é quem recebe o benefício da ação do Todo-Poderoso (*Shadday*), o qual age com ternura para com o personagem. Ademais, surpreende o fato de que vinte e quatro ocorrências do termo *shadday* apareçam no livro de Jó (o que representa mais de cinquenta por cento de todas as ocorrências do mesmo termo na Bíblia Hebraica⁴⁶). O termo é usado em quinze dos quarenta capítulos que compõem o livro. Parece que a construção da narrativa aponta para um Jó absolutamente carente de afeto, como uma criança que grita insistentemente pela presença e carinho de sua mãe. No Salmo 22:10, em Cantares (cf. Ct 1:13; 8:1) e Ez 23:1, o termo *shadday* é traduzido mais uma vez pela palavra “seios”. Enfim, este termo ajuda a confirmar o pensamento de que embora tenhamos na Bíblia diversas alusões a Deus a partir da figura de Pai, não se podem fechar os olhos aos momentos em que ele aparece sob a imagem de uma terna mãe.

Considerações finais

Apesar do aumento vertiginoso da tecnologia e da rapidez da troca de informações, para milhões de pessoas, a vida ainda parece absurda. Hendler⁴⁷, na introdução a *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*, parece corroborar o pensamento acima, ao dizer que

a ciência, assim como a mitologia e a religião, também faz a pergunta: ‘onde tudo começou?’ E como não haveria de fazê-la? Os que praticam a ciência também são humanos [...]. Quando uma criança pergunta de onde veio, ela está dando os primeiros passos no sentido de tornar-se humana.

⁴⁴ Grifos acrescentados

⁴⁵ Em Jó 22:26, o verbo está no tronco Hithpael. No pual, o seu significado é “ser terno”, “agir com ternura”, “ser meigo”.

⁴⁶ Dados obtidos a partir do Bible Works Software.

⁴⁷ HENDLER, Sheldon S. Prefácio. In: SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990, p. 14.

O processo de mecanização parece ser o ponto crucial nessa instaurada ordem de acontecimentos, visto que nos relacionamos cada vez menos com humanos e mais com máquinas. Ao consultarmos o saldo da conta bancária ou fazermos um depósito, nos relacionamos com uma máquina; se queremos saber quanto resta de crédito do celular pré-pago, somos atendidos por uma secretária-eletrônica; na consulta ao cartão de crédito, apenas em última instância, um humano fará o atendimento, sem contar que em todos esses casos, mesmo o relacionamento com outra pessoa se dá de uma forma artificial – permeado por um dispositivo eletrônico. Enfim, o que foi criado para estreitar os relacionamentos humanos também impede que eles se travem naturalmente, cumprindo-se a máxima: “o feitiço virou contra o feiticeiro”, ou ainda o que disse Marx⁴⁸, em tom profético:

todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a ossificar. Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar [...] as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos.

Esta crise de relacionamentos instaurou uma crise de identidade sexual no homem moderno, ou talvez o inverso. Tal crise poderá ser superada a partir do princípio andrógino. Contudo, este artigo não defende a ideia mítica segundo a qual existiu primitivamente um ser andrógino o qual se cindiu em dois sexos.⁴⁹ Nem tampouco usa o termo na acepção que lhe é comumente atribuído. Androginia, neste trabalho, não possui relação com homossexualidade nem com hermafroditismo. Antes, o princípio andrógino de que tratamos aqui diz respeito ao fato de que para que homem e mulher mantenham relações estáveis entre si e com o outro, bem como desenvolvam satisfatoriamente suas aptidões diante da sociedade contemporânea, é necessário que ele e ela superem os “papeis” sociais que lhes foram relegados ao longo dos séculos: o homem deve vencer o “machismo” que o levou a assumir ares de superioridade em relação à mulher, não apenas respeitando-a como igual, mas adequando-se às novas exigências do mercado profissional, que requer indivíduos com alto índice de desenvolvimento intelectual, porém que apresentem, em igual medida, competências emocionais, traduzidas na capacidade de se relacionar, de liderar e de se renovar cotidianamente. A mulher, por sua vez, deve sair de trás do rótulo de “sexo frágil” a fim de entrar numa relação mais estável com o homem, uma relação de igualdade.

Assim, o sentido de andrógino, neste artigo, diz respeito ao homem que aprendeu a desenvolver características femininas tais como ternura, compaixão, resolução de problemas em equipe, intuição, cooperação, a conquista a partir da ênfase nos relacionamentos em detrimento do poder e da violência, etc., e à mulher que, embora

⁴⁸ Citado por BERMAN, 1986.

⁴⁹ DAVIDSON, Richard. Human Sexuality in the Hebrew Bible. In: *Shabbat Shalom*, v. 02 (2002): 20-26.

mantendo a docilidade feminil, superou o mito da inferioridade do sexo. Como diria Gowan⁵⁰, “é nossa existência como homem e mulher que corresponde à imagem de Deus na humanidade”. Por esse viés, ao apresentar uma *Imago Dei*, a literatura bíblica aponta para esse princípio andrógino, segundo o qual o todo é formado por partes complementares, indissociáveis em sua base.

Referências

BERNARD, J. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*. New York: C. Scribner's Sons, 1929. v. 2.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

COURSON, J. *Jon Courson's Application Commentary: Psalms-Malachi*. Nashville: Thomas Nelson, 2006, v. 2.

CUNHA, Evandro. A face feminina de Deus. In: *Hermenêutica*, 05 (2008): 39-57.

DAVIDSON, Richard. Human Sexuality in the Hebrew Bible. In: *Shabbat Shalom*, v. 02 (2002): 20-26.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FINKLER, Gredes Rejane. O mito do duplo nos poemas de Ferreira Gullar. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

HAGNER, D. A. Matthew 14-28. In: MARTIN, R. P. *Word Biblical Commentary*. Dallas: Word, 2002. v. 33B.

HENDLER, Sheldon S. In: SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.

GOWAN, D. E. *From Eden to Babel: A Commentary on the Book of Genesis 1-11*. Grand Rapids: W.B. Eerdmans Pub. Co., 1988.

KEOWN, G. L., SCALISE, Pamela J. & SMOTHERS, Thomas G. Jeremiah 26-52. In: WATTS, John G. W. *Word Biblical Commentary*. Dallas: Word, 2002, Vol. 27.

LAMAS, Berenice Sica. O duplo como representação da morte em conto de Julio Cortazar. In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

⁵⁰ GOWAN, D. E. *From Eden to Babel: A Commentary on the Book of Genesis 1-11*. Grand Rapids: W.B. Eerdmans Pub. Co., 1988, p. 29.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Contos escolhidos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. *Várias histórias*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MELLO, A. M. L. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

RANK, Otto. *O duplo*. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.

SILVA, Rosana Rodrigues da. O desdobramento do eu-lírico na poesia de Cecília Meireles. In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.

SCHÜLER, Donald. Quem sou eu? In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

WATTS, J. D. W. Isaiah 34-66. In: WATTS, J. D. W. *Word Biblical Commentary*. Nashville: Thomas Nelson, Inc, 2005, Vol. 25.

WENHAM, G. J. Genesis 1-15. In: WATTS, J. D. *Word Biblical Commentary*. Dallas: Word, 2002, Vol. 01.

WHITE, E. G. *Educação*. 9 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

YOUNG, E. *The Book of Isaiah*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972. v. 3.

[Recebido em: junho de 2014

Aceito em: agosto de 2014]